

A Senhora

la de autocarro a trabalhar. Mesma paragem, mesma hora, mesmo trajeto. Conhecia à maioria dos passageiros, sabia quando desciam e quando subiam. A primeira vez que a viu reparou logo nela, embora houvesse lugares sentados ficava a pé quedo no meio do corredor. Olhava para ele impassível, com um sorriso medonho. Desviou os olhos com uma sensação de desconforto que o perturbou demais.

Não gostava mesmo de arranjar trabalhos, mas desde aquele dia as suas observações chegavam para manifestar que qualquer coisa sinistra estava a passar. Estava certo. Caso ela descesse a seguir dum passageiro, este não voltava a ser visto. Ainda que se envergonhasse de o reconhecer, um sentimento ofegante tinha-o pendurado ao trajeto, não podia fugir dessa rotina.

Mas hoje acorda com a firme vontade de fazer com que o seu fado mude. Hoje sobe à autocarro e como se o tempo acabar, na seguinte paragem, desce é a correr. Já esta a cruzar a avenida e ao olhar para trás, procurando não encontrar o rosto dela, de súbito, um carro a travar, gritos em volta. Fica no meio do calcetado, de olhos abertos que já não veem. Enquanto ela caminha devagar, se calhar com um sorriso gélido.